

DEFESA ANTIAÉREA E POLARIDADE

Autor: Laura Castro Gonçalves (Graduanda de Relações Internacionais/Bolsista de Iniciação Científica)

Orientador: José Miguel Quedi Martins (UFRGS)



pro:pesq

Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS



paz no plural

OBJETIVOS

O presente trabalho busca relacionar a defesa antiaérea - ações defensivas diretas, tomadas para anular ou reduzir a eficácia de ameaças e hostilidades aéreas, no intuito de defender forças terrestres ou navais, pontos ou zonas sensíveis de superfície - e a polaridade no sistema internacional - definida através da distribuição de poder e consequente número de pólos.

Para tanto, tem como objetivo principal o estabelecimento, se possível, de uma correlação entre a produção e aquisição de mísseis superfície-ar dotados de alta tecnologia e de capacidades produtivas, e o posicionamento dos países na hierarquia de potências

HIPÓTESES

A hipótese principal é de que é possível estabelecer uma relação direta entre a distribuição de capacidade produtiva de mísseis superfície-ar ("surface to air missile - SAM") de longo alcance e a polaridade no sistema internacional.

Dela, derivam-se duas hipóteses secundárias:

- (i) Os países que produzem ou possuem capacidade produtiva de SAMs de longo alcance são necessariamente grandes potências no sistema internacional;
- (ii) Se o Brasil adquirisse capacidade produtiva de SAMs de longo alcance, ele conseguiria projetar-se como potência no sistema internacional.



DESENVOLVIMENTO

De acordo com o Livro Branco de Defesa Nacional, o sistema de defesa antiaérea brasileiro atualmente passa por atualizações, visando atender às exigências do Sistema de Defesa Aeroespacial Brasileiro (SISDABRA). Tendo em vista a recente aquisição dos mísseis Iгла superfície-ar de curto alcance (altitude de até 4km e alcance de até 6km), e a futura aquisição, programada para este ano e já oficializada pelo governo brasileiro, de mísseis Pantsir S-1 superfície-ar de curto e médio alcance (altitude de até 15km e alcance de até 20km) - ambos provenientes da Rússia -, questiona-se se existe a intenção, por parte brasileira, de futuras compras de mísseis SAM de longo alcance. Observa-se, neste sentido, a até então ausência de planos para compra dos mesmos, e procura-se entender se tal inexistência de planos pode estar relacionada com o desenvolvimento, pelo país, de capacidade produtiva de mísseis superfície-ar de longa distância - e, conseqüentemente, se isso poderia levar o país à sua projeção como grande potência no sistema internacional.

O ponto de partida deste trabalho foi, portanto, a compilação de dados junto ao Military Balance - anuário do *International Institute of Strategic Studies* de Londres - sobre a distribuição desse tipo de mísseis no inventário dos países que integram o seletivo grupo de produtores de SAMs de longa distância, e a comparação de tais dados com o inventário de mísseis brasileiro. Também consultou-se fontes primárias e secundárias, livros e artigos sobre o assunto em questão.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

É evidente que seria sumamente ingênuo supor que a condição de Grande Potência possa ser inferida de um único referente empírico - produção e aquisição de SAMs. Contudo o que a pesquisa pode apurar é se é possível que se possa ter a produção e aquisição de mísseis superfície-ar de longa distância como um dos indicadores do tipo de equilíbrio predominante no sistema internacional.

Como resultados preliminares, assim, podemos observar que existe uma clara relação entre os produtores de mísseis de longo alcance e a polaridade do sistema internacional: praticamente todos são países desenvolvidos e que se encontram nas posições hierárquicas mais elevadas do sistema multipolar. Além disto, podemos observar também a existência de um padrão entre os países que possuem tais mísseis e seu nível de desenvolvimento. Desta forma, para pesquisas futuras pretende-se investigar se a posse de mísseis SAM de longo alcance serve para medir unidade entre investimento em pesquisa e desenvolvimento e se as capacidades produtivas são capazes de condicionar favoravelmente ou desfavoravelmente a inserção internacional de um país e, portanto, o número de grandes potências no sistema internacional.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília: Ministério da Defesa, 2008.
- BRASIL. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília: Ministério da Defesa, 2012.
- DUNNIGAN, J. F. **How to Make War**. New York: HarperCollins, 2003.
- IISS. **The Military Balance**. International Institute for Strategic Studies. London: Routledge, 2016.
- PARSCH, A. **Designation Systems**. 2014. Disponível em: <<http://designation-systems.net>>. Acesso em: 31 jul. 2016.
- PICCOLLI, L. **Europa Enquanto Condicionante da Política Externa e de Segurança da Rússia: O Papel da Defesa Antimissil**. Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais. ed. Porto Alegre: PPGEEI/UFRGS, 2012.
- SIMIONATO, G. H.; BAPTISTA, M.; FERRAZZA, V. The Missile Defense Systems. **UFRGS Model United Nations**, 2015. 279-310.
- SKINNER, D. W. **Airland Battle Doctrine**. Alexandria: Center for Naval Analyses, 1988.